

## UMUTINA E PARESI – MIRADAS MEMORIALÍSTICAS

*Cláudio Henrique Vieira*

---

Crescemos com um estereótipo indígena na cabeça. Descolonizar essa imagem não é fácil, considerando uma narrativa europeia hegemônica que percorre séculos. Parafraseando Pimentel (2012), o índio que mora na nossa cabeça diverge muito da realidade nos aspectos filosóficos, culturais, sociais, modos de ser e relacionar-se com o cosmos. Nas palavras de Munduruku (2021), “o Brasil precisa desentortar o pensamento do que é ser indígena”.

A recusa em aceitar o *Outro*, o diferente, marca a história da humanidade e da colonização. Colonizar pressupõe dominar e apagar culturas e/ou lançar um olhar para o outro na condição de página em branco, a ser preenchida pelo colonizador. A relação que os europeus estabeleceram com os ameríndios não foi diferente, motivo pelo qual se constituiu sob o signo da resistência.

Na década de 1920, Oswald de Andrade, utilizando o pseudônimo de Marxillar, escreve na Revista de Antropofagia<sup>1</sup>:

O índio é que é o nosso modelo. O índio não tinha polícia, não tinha recalcamientos, nem moléstias nervosas, nem delegacia de ordem social, nem vergonha de ficar pelado, nem luta de classes, nem tráfico de brancas, nem Ruy Barbosa, nem voto secreto, nem se ufanava do Brasil, nem era aristocrata, nem burguês, nem classe baixa. Por que será? O índio não era monógamo, nem queria saber quem eram seus filhos legítimos, nem achava que a família era a pedra angular da sociedade. Depois que veio a gente de fora, gente tão diferente, tudo mudou, tudo ficou estragado. Não tanto no começo, mas foi ficando, foi ficando. Agora é que está pior. (ANDRADE, 1928, p. 61)

A descrição da figura do indígena, ao mesmo tempo crítica do movimento antropofágico ao comportamento colonial do brasileiro, primeiramente dominado, depois

---

<sup>1</sup> Revista idealizada por Oswald de Andrade e Raul Bopp, de curta duração: maio de 1928 a agosto de 1929. Abalando valores de época, caracterizou-se pelo espírito irreverente, pelas ideias combativas, pela tomada de posições radicais, envolvendo principalmente experiência estética e cultural. Teve duas fases, Numa alusão ao tema da antropofagia, seus mentores chamaram a segunda etapa da revista de 2ª. “dentição”.

transformado em consumidor passivo, sobretudo, no campo das artes, ajuda a desconstruir o mito de superioridade dos europeus, joga luz para o protagonismo, valorização das culturas locais e decolonização do pensamento.

O Manifesto Antropofágico nos faz pensar ainda em questões negligenciadas historicamente, como as especificidades das culturas indígenas, e no incômodo gerado nos europeus ao se depararem com pessoas tão diferentes “deles”. Um inevitável choque que vem gerando conflitos desde 1500.

Quando os colonizadores chegaram à América, sob o argumento da selvageria ou preguiça, insistiram na domesticação; diante da resistência e ineficácia da ação, assumiram a autoria de sucessivos gestos de violência física e simbólica, levando ao extermínio de povos e tradições.

Junto com os corpos, línguas e culturas milenares são extintas, concepções de mundo desaparecem, conforme Perini (1997) apud Abreu (2008). Lembrando que a língua é um sistema de organização das sociedades e do mundo, reserva cultural, conexão com ancestralidades, artefato de memórias. Em se tratando das culturas calcadas na oralidade, a preocupação com a preservação de dialetos e idiomas é ainda maior.

Infelizmente, as etnias sobreviventes sofrem, cada vez mais, interferências de toda ordem: social, cultural, política, econômica, religiosa, o êxodo de jovens para os grandes centros urbanos em busca de trabalho e formação acadêmica. Diante desta realidade, lideranças indígenas procuram alternativas para, além de garantir as terras que lhes pertencem, manter vivas as tradições, salvaguardar suas tradições e memórias. O acesso ao audiovisual, seja como atores ou produtores, tem sido importante aliado.

O cenário descrito acima nos mobiliza para a discussão sobre decolonialidade, tradição e memória de duas etnias originárias do estado do Mato Grosso - *Umutina* e *Paresi* -, retratadas na série *Amazônia Resiste*, produzida pela *Pública*, agência de jornalismo investigativo, nos anos de 2017 e 2018, e veiculada no *Youtube*.

Trata-se do registro, em 12 episódios, da situação atual de dez etnias que habitam os estados do Mato Grosso e Pará. As temáticas são: disputa pelo território, preservação do meio ambiente, manutenção das culturas originárias, resistência indígena perante os interesses políticos e econômicos impostos, sobretudo, por setores do agronegócio.

Percebemos nos relatos dos personagens, aqui nomeados “sujeitos em ação”, pela agência a eles dada, e nas imagens - visíveis ou não – aspectos memorialísticos

importantes, mesmo ao nos depararmos com o entendimento de tradição, aparentemente, dissonante entre alguns indígenas. Norteados pela ideia de pertencimento e decolonização do pensamento, faremos uma breve análise verboaudiovisual buscando artefatos de memórias nos dois episódios em questão, atentos aos atravessamentos, afetações e dimensões sociotécnicas da série.

## **O REBAIXAMENTO DA CULTURA INDÍGENA CONSTRUÇÃO E MECANISMOS DE ESTEREÓTIPO E REBAIXAMENTO: HÁBITOS; MEDICINA E COTIDIANO**

*José Luiz de Paula Júnior*

---

Durante a terceira conferência indígena da Ayahuasca, ocorrido de 10 à 13 de outubro de 2019 em Marechal Taumaturgo no vale do Juruá, estado do Acre. Foi nesse ambiente que tive à noção do enorme problema causado pelo choque entre a cultura tradicional indígena e a urbana onde os hábitos e atitudes de consumo cotidiano determina a moda e tendências que aparecem e se esvaem como vapor.

Nessa conferência discutia-se de que maneira evitar que a cultura e a medicina tradicional indígena fossem capturadas por essas ondas de modismo que após sua passagem deixa um rastro de desconfiança, desconstrução e insignificância dessa cultura mal usufruída.

O ponto alto das discussões foi o processo de criminalização da Ayahuasca, considerada pelos órgãos de vigilância sanitária oficial do país (Anvisa), como psicotrópico e não poderia circular no território brasileiro a título de prisão para as pessoas que fossem pegas transportando a Ayahuasca, beberagem considerada sagrada pelos indígenas.

Em nenhum momento os agentes oficiais do estado consideravam os aspectos culturais da sociedade indígena.

Coincidentemente na 3ª conferência participavam representantes do STF, supremo tribunal da Federal, diretores da polícia federal, médicos, representantes de religiões diversas como UDV. Santo Daime e outras seitas e religiões Xamanicas.

A pesquisa demonstrará sobre a importância da descriminalização da medicina indígena, através de seus ingredientes sagrados e a importância da integridade de suas terras que abrigam suas divindades sagradas e os componentes sacro – arquetípicos que compõem a sua cultura e será pesquisado também com base nas decisões do Superior Tribunal Federal e a PGR, Procuradoria Geral da República as decisões favoráveis a

sociedade indígena, porém desrespeitados pelos não índios, governantes, madeireiros, garimpeiros, grileiros e outros personagens nocivos a sociedade indígena.

Investigar e compreender qual a origem e os mecanismos de criação de estereótipos e da desimportância da sociedade indígenas pelo olhar dos não índios.

A medicina indígena, suas divindades e suas terras são o maior componente da existência das sociedades indígenas. Mesmo quando aculturado e frequentador de campos universitários, o jovem indígena retorna a suas origens onde habitam e habitará seus ancestrais e sua prole, sendo assim é necessário a proteção jurídica e o cumprimento cabal das decisões judiciais.

A Ayahuasca assim como o Cambo (vacina extraída da secreção da pele de um sapo endêmico do Acre) já estão no roteiro de contrabandistas de animais silvestres. E também está presente nas festas e encontros recreativos em São Paulo, Rio de Janeiro e outros grandes centros urbanos no Brasil e no exterior, o que reforça o argumento de equiparação da ayahuasca às drogas ilícitas, transformando o aspecto sagrado da planta em recreação e moda rebaixando os seus aspectos simbólicos, religiosos e culturais.

Como criar mecanismos seguros, capazes de preservar a identidade cultural dos povos indígenas principalmente nos aspectos simbólicos e imaginários, considerando que as novas gerações de jovens indígenas, também são seduzidos pela magia movediça do sistema comunicacional contemporâneo, leia-se também, celulares, internet e outros aparatos midiáticos.

Creio ser possível desenvolver mecanismos de proteção cultural e institucional com potência psíquica capaz de gerar ondas de influência através de um processo inverso. Onde a cultura dita dominada teoricamente, passa a influenciar a cultura dominante, considerando a remagicização, da cultura indígena inserida nos meios urbanos através de seus próprios instrumentos midiáticos, inclusive seu corpo nu. Para o indígena o corpo é mídia.

É sabido que as mega tendências jamais surgem nos grandes centros urbanos e sim nos pequenos aglomerados humanos.

Hoje é possível perceber a influência da cultura indígena integrada aos grandes centros urbanos brasileiros, principalmente em São Paulo e Rio, tendo como suporte ao grafismo, paredes enormes disponíveis na trama urbana, em forma de painéis e grafites, com motivos indígenas.

Considerando alguns dos pensamentos de Edgard Morin, quando uma cultura seus membros tornam-se agentes da noosfera são capazes de conduzir a sociedade urbana rumo ao imaginário. Tornando a sociedade a sujeitada em protagonista e sujeito, com potência para conduzir o seu próprio destino.

A pesquisa é necessária pois demonstrará o crescimento econômico, social e populacional das comunidades indígenas, assim como os afrodescendentes brasileiros optaram em sua maioria se autoafirmam negros, os mestiços indígenas também se afirmam índios mesmo tendo um dos pais não índio. Esse fenômeno acontece em toda Amazônia.

Optamos pela pesquisa bibliográfica com intuito de organizar uma base teórica que dê substrato as investigações e conclusões. A pesquisa terá uma interface com a história, sociologia, antropologia, design e farmacologia. Serão pesquisados artigos, anais de congressos, jornais, revistas e teses sobre o problema.

A pesquisa terá como ponto de referência, as revistas que tratam exclusivamente dos temas indígenas e as relações históricas conflituosas, principalmente entre as comunidades indígenas e não índios de fronteira como tribos do Acre e Rondônia. Tendo Acre como principal território de conflito seguido de Rondônia.

Ainda nos corpos da pesquisa é mostrar de como se deu a integração entre nordestinos, especialmente cearenses, com as comunidades indígenas no Acre e Rondônia.

### **Referências Teóricas**

MONTEIRO, John Manuel. **Os negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo, 1994.

GAMBINI, Roberto. **Espelho índio: a formação da alma brasileira**. 2000

FERNANDES, João Azevedo. **Selvagens bebedeiras: Álcool embriagues e contatos culturais no Brasil colonial (séculos XVI – XVII)**. 2011

Comunicação e imaginário através do olhar de Edgar Morin, Mauricio Ribeiro da Silva, Malena Segura Contrerá, Darci Ribeiro e Elio Jaguaribe.

Jornais e documentos históricos do Acre

## **AS MARCAS DA COMUNICAÇÃO NA INTOLERÂNCIA DO CORPO E DO SIMBÓLICO DOS POVOS NATURAIS: NEGROS DA TERRA, E PRETOS UMA ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO NOS VÍNCULOS COM O SAGRADO, O PROFANO E RELAÇÕES TRANSCENDENTES**

*Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez*

---

Pretendemos mostrar os vínculos existentes entre o Sagrado e o Profano enquanto manifestações rituais religiosas dos povos naturais ou originários em seus cultos e simbolismos de grupos identificados em práticas no Brasil e áreas de influência em países da América do Sul. Várias obras de gêneros distintos abordam a temática, variando do religioso aos estudos antropológicos culturais, linguísticos à Psicanálise e os Comunicacionais. Em verdade estamos diante de ações estereotipadas do cotidiano, onde o corpo humano encontra-se permeado pela linguagem e por símbolos e sinais armazenados no pensamento que dão significado às culturas nas quais os indivíduos estejam inseridos. Destacam-se, no entanto, a incompreensão e a intolerância, expressos pelos meios midiáticos com atos de violência e de subjugação. Ocorre uma interação entre o corpo e a mente dos valores culturais, dos rituais da Umbanda, e indígenas como dos povos Charrua no Uruguai, os Mapuches na Argentina e no Chile, os grupos amazônicos no Brasil, através de seus cantos, gestos, símbolos, “aprisionamento da alma” (uma referência na Antropologia do Corpo na modernidade do antropólogo francês e especialista em estudos do corpo David Le Breton), que são incompreendidos, sofrendo medidas agressivas e atos de exclusão ou ainda processos de tentativas de aculturação. Dessa forma, através do que podemos definir como protocolos dos sentidos, verificamos em textos pesquisados que seus valores não codificados são consuetudinários, como vínculos estabelecidos, na maior parte desses grupos, como heranças culturais. Através da transnacionalização (expressão usada por Fligério), a Umbanda e outros cultos advindos dos povos naturais, extrapolaram aos países sul-americanos no Cone Sul. Trata-se de uma questão de empatia ou não, de vínculos, quando o corpo e as crenças são protagonistas. Observam-se, no entanto, conteúdos jornalísticos expressos pela mídia impressa, no Brasil e nos referidos países, em reportagens de Jornais El Clarín; El

Mercúrio; Texto da ONU sobre direitos dos povos indígenas e negros; entre autores de referência em nosso corpus de pesquisa, tais como: CONTRERA, MIKLOS, NORVAL BAITELLO; SILVA, M.R. da; LEPPE CARRIÓN, POBLETE, MARIA PIA; MUNIZ SODRÉ; GREBE VICUÑA, MARIA ESTER; BOURDIEU, entre outros. As

manifestações discriminatórias e atos de violência são apresentados como matérias jornalísticas retratando esses grupos subalternos como usurpadores da terra, rebeldes, invasores, terroristas, entre outros termos pejorativos, também se destacam as questões de territorialidade de habitat e os preconceitos quanto à cor da pele.

## O PROTAGONISMO INDÍGENA NA PRODUÇÃO DE IMAGENS DOS POVOS ORIGINÁRIOS

*Alice Domingues Resende*

**Resumo:** Pesquisa exploratória com intuito de assinalar o protagonismo do indígena brasileiro na auto representação de seu povo pela fotografia. A metodologia contempla pesquisa bibliográfica e etnografia virtual.

**Palavras-Chave:** Produção fotográfica. Representação. Protagonismo indígena.

---

A proposta desta pesquisa é localizar e identificar o protagonismo indígena na produção de imagens fotográficas sobre os povos indígenas brasileiros. Além de pesquisa bibliográfica sobre a representação fotográfica dos indígenas no Brasil, a metodologia a ser usada nesse projeto é da pesquisa exploratória na internet, que tem “como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41). Essa metodologia servirá para compilar o conhecimento já produzido sobre os indígenas brasileiros e sua representação pela fotografia.

Fernando de Tacca em *O índio na fotografia brasileira* articula como houve três momentos importantes na construção imagética do índio na fotografia<sup>1</sup>. Em nenhum desses momentos de construção da imagem dos povos originários, os indígenas tiveram protagonismo na produção de imagens técnicas. Considerando que as fotografias foram produzidas historicamente por não indígenas, temos uma narrativa contada pelo “outro”, sendo justamente a problemática apresentada neste projeto, a de que os indígenas poderiam assumir o protagonismo na produção de imagens fotográficas, passando a produzir narrativas imagéticas autônomas e endógenas.

Ao investigar a participação dos indígenas brasileiros na produção de imagens fotográficas e documentais espera-se contribuir para a inovação na produção de conhecimento e riqueza cultural do país, no que se refere à valorização da diversidade cultural brasileira, que chamamos patrimônio imaterial.

---

<sup>1</sup> Começou no final do século XIX com a ideia do indígena exótico e selvagem. Em seguida, no século XX tivemos o encontro nacional e o etnográfico da Comissão Rondon. Por fim, a etnofotografia se encontra com a arte, que foi rumo ao mágico e mítico.

Até o momento, com o auxílio de Alberto César Araújo<sup>2</sup> e em busca exploratória pela internet, foi possível encontrar uma quantidade significativa de fotógrafos indígenas que fotografam seu povo de maneira profissional. Muitos deles utilizam os celulares para fazerem as imagens. Entre um dos fotógrafos podemos citar o Edgar Kanaykö, indígena do povo Xakriabá, que se intitula seu trabalho como etno-fotografia. Ele já ganhou diversos prêmios, entre eles o de melhor foto na categoria jornalística/documental do Brasília Photo Show, um festival internacional de fotografia.

Além dele Tayná Satere, da Terra Indígena de Andirá Marau, Adrielle Priscila Tapajoawra, do povo Tapajó, Kamikiá Kisêdjê, do povo Kisêdjê, no Território Indígena do Xingu, Paulo Desana, do Povo Desana, Yanahin Matala, do Parque Nacional do Xingu, Erisvan Guajajara, da aldeia Lagoa Quieta, Terra Indígena Arariboia, Eliton Paacy Sansão Moreira Gavião – Povo Pyhcopcatiji são alguns dos nomes que podemos citar que são fotógrafos de seu povo. Muitos deles, além de fotógrafos, também são comunicadores sociais, produtores e cineastas.

Foi possível ter acesso ao material que produzem através das redes sociais, principalmente o instagram, e em busca pelo google imagens. A maioria fotografa o cotidiano de seu povo, especialmente a natureza e as pessoas ao seu redor. Eles buscam mostrar o que você não veria em uma breve convivência, a essência e a realidade. Outro espaço de circulação dessas fotografias é a competição Indígenas.BR – Prêmio de Fotografia<sup>3</sup>.

Com o mapeamento da atuação indígena na produção de narrativas imagéticas sobre a cultura indígena até então representada exclusivamente por não indígenas, é possível perceber que os povos indígenas têm se apropriado da fotografia cada vez mais para se autorretratar. Em uma próxima etapa da pesquisa, pretende-se aprofundar a observação dos temas e abordagens técnicas e estéticas de alguns fotógrafos que se destacam nesse cenário. Nessa fase exploratória, já é possível perceber que a fotografia torna-se uma ferramenta a mais na sua luta do movimento indígena, ajudando na divulgação das questões indígenas ao grande público.

---

<sup>2</sup> Alberto César Araújo é fotógrafo e editor de imagens do portal Amazônia Real, que faz jornalismo independente pautado nas questões da Amazônia e seus povos. A partir de sua experiência e com a base de dados do site ele pode apresentar alguns indígenas fotógrafos.

<sup>3</sup> Tem o objetivo de divulgar e estimular a produção fotográfica indígena. O concurso aconteceu do dia 06 outubro de 2020 ao dia 31 dezembro 2020 e foi promovido pelo Centro Cultural Vale Maranhão.

- Referências:

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

TACCA, Fernando de. **O índio na fotografia brasileira**: incursões sobre a imagem e o meio. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.191-223.

## CANGAÇO, ESTEREÓTIPOS E LUNGA DE BACURAU (2019)<sup>1</sup>

*Resumo:* O trabalho busca uma reflexão sobre as origens do personagem Lunga, de Bacurau (2019), e como sua existência questiona estereótipos estabelecidos no cinema.

*Palavras-Chave:* Cangaço. Estereótipo. Cinema.

---

Bacurau (2019), título do filme dirigido por Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho, é o nome de uma cidade fictícia localizada no estado de Pernambuco. Na trama, os moradores precisam enfrentar forasteiros com um projeto de extermínio por prazer impulsionado pela crença de que seus alvos não são pessoas como eles. Crenças como essa, muitas vezes, podem estar sustentadas por estereótipos. Para Burke (2004, p. 211), os estereótipos mais grosseiros estão baseados na “pressuposição de que “nós” somos humanos ou civilizados, ao passo que “eles” são pouco diferentes de animais como cães e porcos (...). Dessa forma, os outros são transformados no “Outro.”

Apesar do faroeste ser um gênero clássico do cinema americano, o faroeste de Bacurau é fundamentalmente nordestino, por tratar de diversas questões locais. A defesa da cidade de Bacurau só é possível graças a Lunga (interpretado por Silvero Pereira), personagem que desponta na figura de herói. Não como um herói típico, caracterizado pela pureza e bondade, como os criados pelos faroestes do cinema americano. É inevitável associar Lunga a um cangaceiro, dado o contexto regional do filme. Outra camada para a criação do personagem, segundo Juliano Dornelles, codiretor do longa, foram os protagonistas de faroestes. Dornelles explica que a figura do caubói americano, símbolo da masculinidade, precisava de um contraste: “São aqueles caras viris e másculos, na tradição cristalizada por atores como Clint Eastwood. (...), achamos mais interessante ter nessa função alguém do universo LGBT.” (GIANNINI, 2019)

Se Lunga fosse um fora da lei comum, talvez não possuísse a energia que tem. Burke defende que necessariamente faltam nuances aos estereótipos (2004). Esse conceito dialoga com a ideia central defendida por Chimamanda Ngozi Adichie sobre estereótipos. Não é que eles estejam errados, argumenta a escritora nigeriana: o problema é que são sempre incompletos. Desse modo, torna-se valiosa a contribuição de Bacurau

---

<sup>1</sup> Resumo expandido submetido ao I Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (I OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR. 2 a 5 de março de 2021.

ao acrescentar nuances e aspectos que usualmente não vemos nesse tipo de filme. Lins (1996) afirma que, apesar do movimento do cangaço ter, na origem, alguns traços que possam apontar para a relação homossexual entre os cangaceiros, tais relações nunca foram possíveis de serem comprovadas, e foram, inclusive, silenciadas. Todavia, apesar de toda sua extravagância estética e comportamental, o movimento tornou-se símbolo da masculinidade exacerbada, favorecendo o imaginário tradicionalmente nordestino do “cabra-macho”. (RAMOS FILHO, 2017)

Lunga utiliza-se desse imaginário para questionar um estereótipo do cinema norte-americano. Sua presença como uma modernização do cangaceiro - só que, dessa vez, não há dúvidas sobre seu pertencimento ao universo queer - põe em cheque a virilidade do faroeste. Por que é que esses filmes só podem ter personagens viris? Por que o herói não pode ser um personagem que ora é tratado por *ele*, ora por *ela*? É por isso que Lunga é um personagem fascinante para pesquisar, e que traz questões muito relevantes para o debate sobre Bacurau (2019) e suas importâncias para os estudos sobre colonialidades e estereótipos. Sua origem é o atrito entre os estereótipos, e o atrito, se colocado no âmago de um personagem, o faz vibrar.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Technology Entertainment and Design 2009 - TEDGlobal 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story)>. Acesso em: 15 fev. 2021.

BURKE, Peter. Estereótipos do outro. In: **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

GIANNINI, Alessandro. **O cangaceiro andrógino de ‘Bacurau’**. Revista Época, 2019. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/o-cangaceiro-androgino-de-bacurau-23944539>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

LINS, Daniel. **O corpo do herói** - a santa virilidade ou a fraqueza dos fortes - Estudo sobre Lampião. In: (Anpocs), 20, 1996. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/20-encontro-anual-da-anpocs/gt-19/gt14-11/5415-dlins-o-corpo-do-heroi/file>> Acesso em: 9 fev. 2021.

RAMOS FILHO, Vagner Silva. **Século Virgulino: o cangaço nas (con)fusões da memória entre comemorações de Lampião no tempo presente**. 2017. 238f.– Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2017.

## CONTRIBUIÇÕES DAS EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS PARA OS ESTUDOS FEMINISTAS NO BRASIL<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este trabalho refletirá sobre a emergência das perspectivas decoloniais nos estudos feministas desenvolvidos no Brasil, ou seja, buscará conhecer possíveis contribuições de tais correntes para as pesquisas de gênero.*

**Palavras-Chave:** *Colonialismos. Feminismos decoloniais. Brasil.*

---

Este trabalho buscará conhecer como as epistemologias decoloniais, correntes que vem galgando maior visibilidade a partir da década de 1970<sup>2</sup>, têm tensionado os estudos feministas no Brasil na medida em que sugere novos olhares para que possamos compreender os problemas de gênero. Almejamos, portanto, identificar quais são as críticas que tais perspectivas trazem aos feminismos e, sobretudo, as proposições. Assim, focalizaremos as reflexões de Lélia Gonzalez, Claudia Lima Costa, Angela Figueiredo, Maria da Graça Costa e María Elvira Díaz-Benítez.

Segundo Heloisa Buarque de Hollanda (2020), tais autoras contribuem para pensarmos a construção de um *feminismo decolonial brasileiro*, o qual não tem como intenção recusar as experiências e saberes de mulheres latino-americanas, mas aprofundar as reflexões sobre especificidades da realidade nacional. No livro *“Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais”* (2020), a autora considerou que a emergência do giro decolonial no trato das questões de gênero é reflexo de fenômenos como a crise global do capitalismo, o desgaste das formas da democracia representativa e a ascensão de governos conservadores. De acordo com ela, este cenário tem levado pesquisadoras e pesquisadores a repensar suas práticas políticas e teóricas. Ancoradas na chamada “quarta onda do feminismo”, as epistemologias decoloniais chamam a atenção para a pluralidade de vozes existentes nos segmentos feministas e questionam o feminismo eurocentrado que começa

---

<sup>1</sup>Resumo expandido submetido ao I Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (I OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR. 2 a 5 de março de 2021.

<sup>2</sup>O campo de estudos nomeado “estudos pós-coloniais” se desenvolveu em 1970 com o desenvolvimento de trabalhos como os de Frantz Fanon, Edward Said, Stuart Hall, Ranajit Guha, entre outros. Porém, no que tange aos estudos feministas, as perspectivas decoloniais passaram a ser mais disseminadas no final da década de 1980. No Brasil, um dos textos precursores é “Por um feminismo afro-latino-americano” publicado por Lélia Gonzalez em 1988.

a ser visto como uma forma de opressão alinhada a branquitude patriarcal, sustentada na colonialidade de poderes e saberes (HOLLANDA, 2020).

Não obstante, Piscitelli (2013) buscou compreender a circulação de teorias pós-coloniais em parte do pensamento feminista no Brasil. Para a tarefa, a autora analisou textos veiculados em dois periódicos da área, a saber: *Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*, desde os seus lançamentos, na década de 1990, até 2012. Uma das observações alcançadas pela pesquisadora foi a de que tais perspectivas decoloniais descortinam as relações de poder também existentes neste campo de conhecimento, uma vez que a área tende a privilegiar aspectos das culturas de países europeus e, assim, os incorpora para a construção das análises referentes às desigualdades de gênero na sociedade brasileira.

Assim, uma das principais críticas versa sobre a produção do conhecimento no chamado “feminismo ocidental”, rejeitando, portanto, os interesses imperialistas de países do Norte envolvidos em tais epistemologias. Um exemplo é a categoria de “mulher do terceiro mundo” - esta, segundo as críticas pós-coloniais, reproduz a visão generalista e estigmatizada de uma mulher com baixa escolaridade, voltada ao ambiente doméstico, família e subjugada pelas tradições (PISCITELLI, 2013).

É importante ressaltar que não se trata de desconsiderar os saberes produzidos e acumulados por estudiosos de gênero pertencentes a outras localidades, porém o que tais correntes decoloniais buscam é romper com interpretações universalistas de modo que as particularidades das realidades sociais em que as mulheres estão inseridas sejam consideradas, ou seja, quais são os elementos estruturantes das opressões em determinadas conjunturas sociais bem como as suas diversas formas de resistência.

### **Referências Bibliográficas**

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

PISCITELLI, Adriana. *Atravessando fronteiras: teorias pós-coloniais e leituras antropológicas sobre feminismos, gênero e mercados de sexo no Brasil*. Revista Contemporânea, v.3, n.2. Jul.-Dez.2013.

## LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO: representação audiovisual da negociação da memória de imigrantes japoneses no Brasil

*Resumo:* O trabalho busca analisar filmes com a temática da imigração japonesa no Brasil a partir da perspectiva do cinema transcultural e por meio de uma abordagem dos estudos de memória e da análise fílmica.

*Palavras-Chave:* Cinema Transcultural. Cinema e Memória. Cinema nipo-brasileiro.

---

O trabalho em questão é uma parte da dissertação que está sendo desenvolvida para a conclusão do mestrado em Cultura e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; O objetivo geral é o de investigar a representação da negociação da memória de imigrantes japoneses no Brasil em quatro longas-metragens: **“Gaijin: Caminhos da Liberdade”**, de 1980, e **“Gaijin: Ama-me Como Sou”**, de 2005, dirigidos por Tizuka Yamazaki; **“Corações Sujos”**, de 2012, de Vicente Amorim, e **“Meu Japão Brasileiro”**, de 1965, do diretor Glauco Mirko Laurelli. Essa análise será feita a partir de uma metodologia focada na perspectiva dos estudos de memória transcultural e, mais especificamente, do cinema transcultural. Quanto ao objeto de pesquisa, trata-se de obras audiovisuais que possuem como temática central o evento da imigração japonesa ao Brasil, que teve início em 1908 e, até os dias de hoje, reflete seus desdobramentos na etnicidade e na cultura da sociedade brasileira.

A análise baseia-se, essencialmente, nos estudos de memória transcultural, por meio da obra de Welsch (1999), bem como estudos com ênfase no cinema, com base em Erll (2008, 2011) e Kuhn (2010) e, mais especificamente, nos conceitos que definem o cinema transcultural de MacDougall (1998). Em relação ao método, a pesquisa será focada na análise dos conteúdos dos filmes - ou seja, como eles representam a imigração japonesa por meio da linguagem fílmica. Mais do que uma análise da linguagem cinematográfica em si, a pesquisa buscará compreender de que forma os filmes citados representam os atos de lembrar e esquecer (Anderson, 2008), dualidade essencial para que a negociação da memória seja estabelecida, por meio da narrativa fílmica - com a representação de práticas culturais significativas, objetos de memória, roupas, linguagem, etc. Para isso,

também recorrerei à bibliografia da área da história e da antropologia, como a obra de Fausto (2008), Lesser (2013) e Saito (1961), com o objetivo de compreender a forma como foi documentado o evento da imigração japonesa.

Por ainda estar em fase de desenvolvimento, a pesquisa ainda não apresenta resultados. O que se espera deste trabalho, no entanto, é a compreensão da forma como a imigração japonesa é representada no audiovisual brasileiro, uma vez que entende-se o cinema como um “repositório de memória” (Kuhn, 2012, p. 792), que estabelece uma relação de retroalimentação com a memória social, já que o cinema e a televisão têm fortes influências na forma como se olha para o passado (MacDougall, 1998, p. 244). Sendo assim, a forma como o cinema vale-se da memória para criar suas narrativas também impacta diretamente na forma como essa memória é lembrada.

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ERLL, A. Literature, Film and the Mediality of Cultural Memory. In: A. Erll & A. Nünning (eds.), **Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook**. Berlin: Walter de Gruyter, 2008, p. 389-398.

ERLL, A. Travelling memory. **Parallax**, 17(4), 2008, p. 4–18.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

KUHN, A. Memory Texts and Memory Work: Performances of Memory In and With Visual Media. In: **Memory Studies** 3(4), 2010, p. 298-313.

LESSER, J. **Immigration, Ethnicity, and National Identity in Brazil, 1808 to the Present**. New York: Cambridge University Press, 2013.

MACDOUGALL, D. **Transcultural Cinema**. Princeton: Princeton University Press, 1998.

SAITO, H. **O japonês no Brasil**. Estudo de mobilidade e fixação. São Paulo: Ed. “Sociologia e política”, 1961.

## Narrativas identitárias: a experiência das autobiografias étnico-comunitárias de estudantes indígenas da UEL<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este trabalho compreende o processo de produção de vídeos autobiográficos na universidade como ferramenta política de afirmação identitária e de existências dos povos indígenas.*

**Palavras-Chave:** *Autobiografias étnico-comunitárias. Cartografia. Indígenas.*

---

Compreender o indígena no ambiente acadêmico demanda engajamento político e pedagógico da universidade por meio de seus departamentos e servidores, mas também é necessário situá-los enquanto sujeitos-protagonistas que narram suas próprias vidas, lutas e reivindicações no espaço universitário. Dessa forma, o presente trabalho explora a experiência pioneira da produção de vídeos autobiográficos com estudantes indígenas recém-ingressos na Universidade Estadual de Londrina, desde 2018, no Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica. As *Autobiografias étnico-comunitárias* têm o objetivo de levantar questionamentos e discussões entre os próprios estudantes indígenas a respeito de temas tão importantes e delicados – a considerar o contexto histórico-social de formação do Brasil em relação aos povos indígenas (OLIVEIRA; FREIRE, 2006) – como identidade e território, assim como levar a problemática para o contexto de toda a universidade e, até mesmo, ampliar a discussão para outras realidades universitárias multiculturais, transformando-as em realidades interculturais.

Dedicou-se tomar como direção metodológica a cartografia, que propõe o acompanhamento de processos de uma dada relação subjetiva entre o cartógrafo, os sujeitos cartografados e o ambiente, sem querer delimitá-los a partir da representação. Ainda, a cartografia tem o intuito de colocar o cartógrafo sempre em xeque, uma vez que é no percurso da pesquisa que os objetivos se constroem e desconstroem, mostrando que pesquisa-intervenção é inseparável do conhecer o campo pesquisado e do fazer junto ao campo pesquisado (PASSOS; BARROS, 2015). Mesmo se aproximando da etnografia, a cartografia, na tenuidade da observação participante e da participação observante, pressupõe “num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 57).

---

<sup>1</sup> Resumo expandido submetido ao I Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (I OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR. 2 a 5 de março de 2021.

Dessa forma, acompanhar o processo de produção dos vídeos autobiográficos junto à vivência dos estudantes universitários indígenas, tem corroborado para a compreender a estruturação de uma organização política indígena jovem no contexto da universidade. Ainda, pode-se perceber que os questionamentos quanto à identidade e às territorialidades ocupadas pelos estudantes indígenas, se evidenciam no contexto da universidade que, estruturalmente, desconhece e nega a ocupação desse espaço por parte desses sujeitos. Contudo, tais questionamentos se ressignificam a partir da elucidação de suas histórias de vidas e de seus antepassados – histórias essas que marcam, junto a construção social do país, o contexto da hibridação cultural e da fragmentação das identidades (CANCLINI, 2011; HALL, 2014), além da negociação em manter e resistir suas tradições e cosmologias indígenas vivas, que muitas vezes passa do sentido ritualístico para o sentido de performance política na sociedade. Por fim, o discurso das narrativas autobiográficas dos estudantes indígenas leva, em geral, a repensar a universidade como um espaço de aprendizado intercultural.

## Referências

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. (Coleção Educação para Todos, v.13).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2011.

# “É A MINHA IMAGEM? EU NÃO SEI DIZER”: as representações orientalistas de gênero endereçadas pela animação *Mulan* (1998), de Walt Disney<sup>1</sup>

Romão Matheus Neto<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo de investigação é demonstrar, considerando as lógicas de produção de *Mulan* (1998), como a estratégia de universalizar a lenda chinesa reorganiza os códigos audiovisuais da animação na construção de gênero e sexualidade da personagem principal.

**Palavras-Chave:** Walt Disney. Animação. Orientalismo.

---

## 1. Relevância e originalidade do objeto de estudo

Justifica-se a necessidade de pensar *Mulan* (1998) como um empreendimento da Walt Disney Company, um dos maiores conglomerados de entretenimento do mundo. Assim, consideramos a popularidade do longa-metragem, visto seu resultado mercadológico — a animação atingiu a 12ª posição nos rankings de bilheterias dos EUA em 1998, lucrando 120 milhões de dólares no país<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, foi indicado ao Oscar e Globo de Ouro na categoria de Melhor Trilha Sonora. Examinamos a 36ª animação de Walt Disney também como estratégia de comunicação e mercado, já que o projeto foi desenvolvido em conjunto à um resort da *Disneyland* em Hong Kong. Da mesma maneira, compõe a franquia Disney Princess, com faturamento estimados em quatro bilhões de dólares em vendas de brinquedos, brindes de redes fast-food, músicas, livros, sites interativos, videogames, fantasias, roupas, materiais escolares e kits de maquiagem (ORENSTEIN, 2012).

## 2. Referências teóricas principais

Localizamos-nos epistemologicamente em uma tríade composta pelos conceitos de identidade e representação dos Estudos Culturais, Orientalismo e Estudos de Gênero, especificamente a Teoria Queer.

---

<sup>1</sup> Resumo expandido submetido ao I Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (I OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR. 2 a 5 de março de 2021.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Mestrando em Comunicação e Formações Socioculturais pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Integrante do Núcleo de Estudos em Ficções Seriadas. Bolsista CAPES. E-mail: [romaomatheusneto@gmail.com](mailto:romaomatheusneto@gmail.com)

<sup>3</sup> Notícia de 1998 sobre arrecadação da Disney no mesmo ano: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq31129810.htm#:~:text=Sa%C3%ADram%20do%20est%C3%BAdio%20o%20campe%C3%A3o,foi%20de%20US%24%201%2C067%20bilh%C3%A3o.> Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

### 3. Métodos usados

Apontamos como corpus de pesquisa a partir de três eixos: o conjunto de endereçamentos presentes em documentos de produção e direção (o livro *The Art of Mulan*), uma entrevista individual em profundidade realizada com Tony Bancroft, codiretor da animação e a própria personagem Mulan, de filme homônimo, para compreender as representações e suas reorganizações referentes às lógicas da animação. Como técnica de análise, acionamos os Modos de Endereçamento (ELLSWORTH, 2001) uma vez que nos permitem considerar, concomitantemente, as intencionalidades dos produtores de textos audiovisuais e as negociações do sujeito/espectador frente a esses materiais.

### 4. Resultados (esperados, parciais, finais)

A processualidade da análise se desenrola a partir da acepção de *Mulan (1998)* como um evento que produz significados que são histórica e ideologicamente localizados, posicionando discursivamente os espectadores. Indo além, a animação é observada pela sua dimensão híbrida, o que requer admitir que ela carrega atributos de outros variados artefatos culturais, constituindo um terceiro espaço que produz contradições e embates no interior das ressignificações culturais. (SOUZA, 2006; SAID, 2007). Crucial pontuar também que estes marcadores sociais presentes na narrativa se constroem de modos dinâmicos, já que mesmo a lenda chinesa sofreu adaptações e traduções ao longo dos séculos, sem uma característica estática que poderia servir como um ponto de origem (WANG, Z., 2020). Este processo, por sua vez, é materializado pela animação enquanto uma técnica representacional sofisticada que ecoa determinadas matrizes culturais e articulações econômicas e políticas que atravessam as lógicas de produção.

### 5. Referências

- ELLSWORTH, Elisabeth. **Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito.* Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ORENSTEIN, Peggy. **Cinderella ate my daughter.** Nova York, Estados Unidos; Harper Collins Publishers, 2012.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SOUZA, L. M. T. M. **Hibridismo e tradução cultural em Bhabha.** In: ABDALA JÚNIOR, B. (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas.* São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p. 113-132.
- WANG, Zhuoyi. **Cultural “Authenticity” as a Conflict-Ridden Hypotext: Mulan (1998), Mulan Joins the Army (1939), and a Millennium-Long Intertextual Metamorphosis.** *Arts* 9, 78, 2020.

## O MUDIATRIVISMO COMO REPARAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DAS PROTAGONISTAS TRAVESTIS E MULHERES TRANS DA CIDADE DE LONDRINA: o documentário como dispositivo de decolonialidade audiovisual<sup>1</sup>

*Reginaldo Moreira<sup>2</sup>*

**Resumo:** *As travestis e mulheres trans tiveram sua contribuição no pioneirismo da cidade de Londrina/PR, porém os processos de invisibilização praticados não as considera. O documentário, construído comunitariamente, denominado midiatravismo, é um dispositivo decolonial de reparação histórica.*

**Palavras-chave:** *travestis; mulheres trans; midiatravismo.*

O Paraná é um Estado localizado no Sul do Brasil. Sua região norte foi colonizada há 86 anos. A cidade de Londrina foi colonizada há 86 anos. O significado de seu nome é Pequena Londres, e denota todas as marcas colonizadoras, brancas, elitistas, euro-centradas e hetero-cis-normativas pertinentes ao colonialismo imposto aos corpos, praticados nos processos de colonização da América Latina. A cidade orgulha-se de seus processos de fundação e valoriza os pioneiros na sua construção, produzindo narrativas constantes de diversas formas tradicionais, como museus, livros, pesquisas científicas, valorando os colonizadores, porém, invisibilizando as populações subalternizadas neste processo. As travestis e mulheres transexuais foram invisibilizadas deste processo, como também foram os pobres, negros, indígenas e as outras populações da sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e outros gêneros). A pesquisa traz uma contribuição à reparação como direito a ter a história contada pelas bocas que a vivenciou. As T<sup>3</sup> pioneiras da cidade, seus ativismos, tiveram suas memórias registradas por meio o projeto “Meu amor, Londrina é trans e travesti”, formado por cinco vídeos individuais e um documentário coletivo. idealizados por umas das protagonistas do movimento social Coletivo ElityTrans, Christiane Lemes.

---

<sup>1</sup> Resumo expandido submetido ao I Encontro de Estudos sobre Orientalismos e Colonialismos na Comunicação e no Audiovisual (I OCCA), realizado na Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR. 2 a 5 de março de 2021.

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, doutor, e-mail: regismoreira@uel.br

<sup>3</sup> Travestis, transexuais e transgeneres.

Os filmes foram resultado de três anos de produção participativa e democrática junto ao coletivo de travestis e mulheres transexuais. A esta comunicação emancipadora utilizada, denominamos Mídiatravismo, uma vez que tem as travestis no centro da produção midiática, num protagonismo em que falam por si mesmas, sem interferência de editores ou sem as marcas estigmatizadoras, que as mídias produzem sobre suas vidas, possibilitando que elas possam proclamar suas existências e lutas pelos mais amplos direitos à uma vida vivível. A proposta metodológica da pesquisa foi a Cartografia Sentimental, desenvolvida pela Psicanalista Suely Rolnik, que bebe na fonte cartográfica de Deleuze e Guattari. Tal proposta possibilita a construção coletiva da pesquisa, no qual o pesquisador a dirige, porém, conduzido pelas depoentes participantes, valorizando o saber vivido em ato como fonte oficial, num processo contra hegemônico às pesquisas cartesianas, na disputa pela validação do saber. O processo de construção dos vídeos e suas exibições foram e tem sido importantes dispositivos de descolonização da memória. O objetivo da produção e pesquisa foi criar dispositivos de autoafirmação e resistência, possibilitando o registro do legado destas protagonistas, por meio de uma linguagem que vá além das formas tradicionais de registro, num processo de valorização das oralidades, por meio do audiovisual, com veiculação nas plataformas digitais, para além das mídias hegemônicas, rompendo com as lógicas de subalternidades silenciadas, impostas historicamente à população T. O direito de falarem por si mesmas, para além das bocas que nomeiam o mundo, pertencentes aos colonizadores e seus herdeiros. O Brasil é o país que mais mata a população T no mundo, cuja expectativa de vida ainda está na casa dos 35 anos. Além disso, o país ainda acumula o ranking de ser o que mais mata a população LGBTQIA+, além de ser um dos países que mais mata ativistas sociais.

### Referências Bibliográficas

BUTLER, J. **Corpos que Importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições, 2020.

MIANI, R. A. **Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, p. 221-233, 2011.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

## A FORMA-COMUNICAÇÃO E A FUNÇÃO PROGRAMA COMO MECANISMOS DO SISTEMA CAPITALISTA

*Tamiris da Anunciação Santos*

**Resumo:** *O presente trabalho a partir da obra do autor César Bolaño evidencia a importância do conceito Função Programa, que apresenta especificidades quando pensado dentro de um recorte racial. **Palavras-Chave:** Capitalismo. Racismo. Comunicação.*

---

No livro *Indústria Cultural: Informação e Capitalismo*, o autor César Bolaño refaz os passos de Karl Marx, em *O Capital*, chegando a um estudo de base marxista para questões da Economia Política da Comunicação. A partir do método usado pelo autor de derivação das formas chega-se até a ideia de que a informação desempenha ao Capital e ao Estado duas funções específicas: a Publicidade e a Propaganda. A Publicidade acelera o processo de circulação das mercadorias e ao mesmo tempo funciona como controle ideológico ao propagar mais rapidamente o “Modo de Vida” do consumo.

A função Propaganda possibilita que modelos de conduta sejam aceitos mesmo quando contraditórios, garantindo o poder do Estado. Dentro da forma-comunicação também atua o que consideramos o objeto central desta pesquisa: a Função Programa - as massas são expostas a esta função emocionalmente quando se identificam com seus próprios símbolos culturais nas produções da Indústria Cultural (Bolaño, 2000).

O termo Função Programa foi definido como objeto por apresentar desdobramentos relevantes, principalmente quando a Função Programa foi analisada sob uma perspectiva de raça, apresentando o que chamamos de contradições. A identificação das massas é fundamental para o êxito da Função Programa dentro da Indústria Cultural, logo, fundamental para o êxito do sistema capitalista.

No entanto, a representação negra na mídia é recente e prematura, o que nos leva a uma série de apontamentos relevantes para o debate racial: O racismo é um pilar fundamental do sistema capitalista, assim como a comunicação. A mídia por sua vez reflete o racismo, e os interesses das instituições. Sendo o racismo a base da organização social brasileira, a representatividade negra da forma como se apresenta na mídia é incorporada à lógica do capital, se tornando o que denominamos de Representatividade Capitalizada.

Os resultados teóricos desta pesquisa foram alcançados em cinco etapas; começando por um processo de leitura e pesquisa, fase que rendeu a escolha do termo Função Programa como objeto central. Em um segundo momento foi desenvolvido um fichamento do livro analisado, destacando as partes relacionadas ao tema, fase que estruturou a Análise e a Interpretação da pesquisa. Com a compilação dos dados as hipóteses foram desenvolvidas, a principal delas feita a partir de um recorte racial no termo Função Programa, dessa maneira foi possível interligar conceitualmente o debate da Economia Política da Comunicação, proposto por Bolaño com o debate sobre racismo estrutural proposto por Sílvio de Almeida. Na quinta e última fase o texto foi elaborado, reunindo todos os resultados das análises e discussões.

Concluimos que ao suprir as demandas emocionais dos trabalhadores através da Função Programa, a comunicação apaga simbolicamente as barreiras e ambiguidades ideológicas para o Estado e mercadológicas para o capital. Porém, através do recorte racial foi possível identificar que a Função Programa apresenta especificidades próprias de uma sociedade estruturalmente racista.

- Referências:

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BOLAÑO, César. **Indústria Cultural: Informação e Capitalismo**. Editora Polis, 2000.

DAVIS, Ângela. **Autobiografia**. Boitempo editorial, 2019.

MARX, Karl. **O capital-Livro 3: Crítica da economia política. Livro 3: O processo de circulação do capital**. Boitempo Editorial, 2017.

## **CINEMA DE CASA DE REZA: a produção audiovisual da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI)**

**Resumo:** *O presente texto aborda a produção audiovisual da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI) de Mato Grosso do Sul, tecendo reflexões sobre a perspectiva de cinema que este coletivo constrói.*

**Palavras-Chave:** *ASCURI. CINEMA DE CASA DE REZA. OFICINAS DE FORMAÇÃO DE VÍDEO.*

As tecnologias de comunicação, como o vídeo, nos últimos anos, vêm sendo utilizadas cada vez mais pelos povos indígenas. De tal modo que essa utilização já se realiza por muitos de forma autônoma, na medida em que são os próprios indígenas que oferecem oficinas de formação em audiovisual, adquirem equipamentos, buscam mecanismos de apoio para essas práticas e controlam a circulação dos materiais que produzem, fomentando a comunicação interaldeias, intergeracional, regional, nacional, internacional e entre mundos, bem como, estratégias de enfrentamento sociopolítico através do audiovisual. A Associação Cultural dos Realizadores Indígenas (ASCURI) de Mato Grosso do Sul é um exemplo desse processo. Ela é composta por integrantes das etnias Guarani, Kaiowá e Terena e vem, desde 2008, realizando filmes, produzindo oficinas de formação, comprando equipamentos de produção fílmica para as aldeias, mediando os processos de circulação de suas produções (via, principalmente, plataformas digitais). Neste sentido, este texto se propõe refletir sobre os processos de interação da ASCURI com o cinema/vídeo, através das práticas desenvolvidas nas oficinas de formação de vídeo e em suas produções fílmicas. Uma das hipóteses a serem desenvolvidas consiste em pensar as práticas desenvolvidas pela ASCURI em suas oficinas e produções fílmicas realizadas com os Guarani e Kaiowá como tecnologias de guaranização, considerando os tensionamentos dos conceitos de tecnologia e de cinema, pois nesse processo questionamos o próprio conceito de tecnologia como narrativa e percebemos o cinema produzido pelos Guarani e Kaiowá como um cinema de casa de reza, atravessado pelo olhar do rezador (*Ñanderu*). Para a construção desta pesquisa foi realizado um levantamento dos filmes disponíveis no *Youtube*, em diálogo com os integrantes da ASCURI, através de entrevistas realizadas para esta pesquisa ou disponíveis na internet,

bem como entrevistas presentes em outras pesquisas, apresentações dos integrantes da ASCURI em eventos que participei, ou que foram disponibilizados em suas redes sociais. A fundamentação teórica baseia-se nas reflexões do filósofo Andrew Feenberg sobre tecnologia, o qual, com sua crítica ao determinismo tecnológico, propõe pensar as múltiplas narrativas sobre tecnologia. A socióloga Silvia Rivera Cusicanqui também nos auxilia neste caminho com os conceitos de *ch'ixi*, interculturalidade e processos de identificação, que nos afastam de perspectivas essencialistas e nos convidam a habitar a contradição.

#### Referências:

FEENBERG, Andrew. **Entre a Razão e a Experiência: Ensaio sobre Tecnologia e Modernidade**. Lisboa: MIT Portugal, 2017.

\_\_\_\_\_. **A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia**. Ricardo T. Neder (Org.). Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina, UNB, Capes, 2010.

GALACHE, Gilmar. **KOXUNAKOTI ITUKEOVO YOKO KIXOVOKU – Fortalecimento do jeito de ser Terena: o audiovisual com autonomia**. 123f. Dissertação (Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, 2017.

GORGES, Maria Claudia; QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Cinema de mutirão: entrevista com Gilmar Galache e Eliel Benites, idealizadores e integrantes de Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI) de Mato Grosso do Sul. Curitiba: **Tom UFPR**, n. 10, v. 5, p. 36-48, 2019. Disponível em: [https://issuu.com/tom\\_ufpr/docs/tom\\_ufpr\\_v5\\_n10\\_2019](https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_ufpr_v5_n10_2019). Acesso em 5 mar. 2020.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Sociología de la imagen. Miradas ch'ixi desde la historia andina**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

\_\_\_\_\_. **Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.



## COVID-19 E OS POVOS INDÍGENAS: o protagonismo nas mídias digitais[1]

*Leticia Pereira Mascarenhas [2]*

**Resumo:** Analisa o uso das mídias digitais para prevenir e combater a Covid-19 entre os povos indígenas. A pesquisa de caráter exploratório envolve observação assistemática e mapeamento de ações comunicativas nas redes sociais.

**Palavras-Chave:** Covid-19. Povos indígenas. Mídias digitais.

Os povos indígenas sofrem com epidemias e moléstias trazidas pelos europeus desde a tomada portuguesa. Após quatro meses do primeiro caso de infecção pelo vírus SARS-CoV-2 na China, já era notificado o primeiro caso de Covid-19 entre os indígenas: uma mulher da etnia Kokama habitante da aldeia São José no município de Santo Antônio do Itá, no Amazonas. De acordo com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) os povos indígenas são mais vulneráveis à infecção devido ao perfil epidemiológico dos povos nativos e a diversas outras vulnerabilidades relacionadas aos povos indígenas, como os problemas ambientais, por exemplo. De acordo com a OMS em agosto de 2020: "Os relatos de casos de COVID-19 entre os povos indígenas estão aumentando em toda a região (americana), com uma taxa de mortalidade relatada maior neste grupo em comparação com os povos não-indígenas". A partir de uma pesquisa exploratória de postagens sobre a Covid-19, busca-se observar como os movimentos indígenas utilizaram as redes sociais no combate ao vírus. Buscou-se mapear as ações comunicativas e campanhas mais relevantes, como foi a produção de conteúdos e quais os meios de divulgação. Até dezembro de 2020, de acordo com a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), mais da metade dos povos indígenas brasileiros haviam sido impactados pela pandemia de Covid-19. A APIB promoveu um plano de enfrentamento que incluiu "Ações de Comunicação e Informação em Saúde", para articular material informativo nas redes ligadas às comunidades indígenas. Esse exercício de comunicação auxiliou na orientação dos dados em sites oficiais como o



IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil), por exemplo. Devido à grande quantidade de conteúdos postados nas redes sociais, optou-se por analisar as páginas da Mídia Índia e os perfis da APIB que fizeram uma cobertura midiática desde o primeiro caso de Covid-19 entre indígenas. A Mídia Índia é uma rede de comunicação que possui páginas no Facebook e no Instagram. Em março de 2020, com os primeiros casos confirmados, as hashtags #FicaNaAldeiaParente e #QuarentenaIndigena foram usadas para conscientizar a população sobre o novo vírus. Com a chegada da vacina, outra mobilização foi realizada: #VacinaParente. Foram divulgadas ilustrações para apresentar àqueles que resistem ao uso da vacina, a importância que tem a vacinação dos indígenas. A APIB exibe dia a dia um panorama geral da Covid-19 no site e em seus perfis nas redes sociais atualizando os dados de morte, casos e povos infectados. Além dos frequentes alertas sobre a gravidade da doença, a APIB iniciou o “Apoie a APIB”, onde o objetivo é a arrecadação de dinheiro para amparar as comunidades com alimentos, remédios e material de higiene, para enfrentarem o vírus. Essas ações atingem, considerando o Facebook da APIB e da Mídia Índia juntos, mais de 150 mil seguidores.

### Referências

**APIB (ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL).** Disponível em: <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/es/relatorio/>. (último acesso: 14/02/2021)

**APIB (ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL).** Disponível em: <https://www.facebook.com/apiboficial>. (último acesso: 15/02/2021)

CHADE, Jamil. **OMS ALERTA PARA TAXA DE MORTALIDADE DE INDÍGENAS POR COVID-19.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/08/18/oms-alerta-para-taxa-de-mortalidade-de-indigenas-por-covid-19.htm>. (último acesso: 14/02/2021)

**MÍDIA ÍNDIA.** Disponível em: <https://www.facebook.com/VozDosPovos>. (último acesso: 15/02/2021)

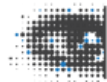
QUEIROZ, Christina. **COVID-19 E ÍNDIGENAS: OS DESAFIOS NO COMBATE AO NOVO CORONAVÍRUS.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/05/02/covid-19-e-indigenas-os-desafios-no-combate-ao-novo-coronavirus.htm>. (último acesso: 14/02/2021)



I ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE  
ORIENTALISMOS E COLONIALISMOS  
NA COMUNICAÇÃO E NO AUDIOVISUAL



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA



MESTRADO  
EM COMUNICAÇÃO  
UEL

---

[1] Resumo expandido submetido ao I Encontro..... OCCA....., na Universidade Estadual de Londrina, 02 a 05 de março de 2021.

[2] Leticia Pereira Mascarenhas; graduanda em Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina; leticia.pereira@uel.br

## A representação dos índios Kaingang do Norte do Paraná na Folha de Londrina

*Gabriela Kríng Rodrigues Amancio*

**Resumo:** *Análise de notícias na Folha de Londrina sobre a forma como foram retratados os índios Kaingang ao abordar os conflitos nas Terras Indígenas. Constata a ausência da voz indígena e a presença de estereótipos.*

**Palavras-Chave:** *Kaingang, notícias, representação.*

---

Estima-se que atualmente a população Kaingang seja de aproximadamente 50 mil pessoas, que vivem em 30 áreas reduzidas, distribuídas nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (KAINGANG, 2021). No Paraná, os primeiros registros são do século de XVI. Em 1770 o Governo começou a invasão das Terras Indígenas e, apesar da resistência, em 1930 praticamente todos já eram aldeados. Para que essa tomada por parte do comando do estado fosse acordada de forma “pacífica” foram prometidas boas condições de vida e segurança aos Kaingang nessas áreas. “Os grupos que não aceitaram o acordo acabaram perseguidos até mesmo por caciques que aceitaram os acordos ou foram exterminados de forma violenta”. (TOMMASINO, 1998, p.67). Porém, o avanço sobre essas terras supostamente reservadas continuou até a atualidade. O presente trabalho analisa a representação dos índios Kaingang na Folha de Londrina entre os anos de 1972 a 2000. O recorte inclui notícias de conflitos que aconteceram nas terras indígenas de São Jerônimo da Serra e Barão do Antonina, região Norte do Paraná. Embasado no *Newsmaking* (WOLF, 1985), o estudo analisa a relevância que foi dada aos povos indígenas e como isso marcou historicamente a imagem e as decisões por territórios. Foram observados o enquadramento das notícias, os critérios de noticiabilidade, a seleção das fontes e também a forma como foram tratadas.

A partir de uma fase exploratória no acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina (NDPH/UEL), foram selecionadas 17 notícias para compor o corpus de análise, dentre tantos assuntos, com foco no conflito de terras. Na maioria das reportagens havia falas de não indígenas, ligados a instituições como Funai, representando a comunidade, mas dificilmente os

indígenas falando por conta própria. Quando esses ganhavam espaço de alguma forma eram colocados de forma pejorativa. A manchete a Folha de Londrina, no dia 30 de maio de 1985, trouxe “Índios negociam e invasão do Cedro pode ser evitada”. O texto juntamente com a matéria induz a pensar que os invasores são os indígenas e que estariam causando o conflito. Também é possível notar como os posseiros são dados como donos da terra em frases como “onde se encontram 150 famílias de posseiros” e posteriormente conta com uma posição do delegado da Funai na posição de interlocutor dos índios “O delegado da Funai, Cornélio Vieira, procurou convencer os índios a não invadirem a gleba” contatando-se aqui que a parte conflitante eram realmente os Kaingang.

Segundo Charadeau (2006) as notícias buscam despertar no leitor o desejo de ler e a informação de forma clara e objetiva, porém, o que se nota nas notícias analisadas é que o sensacionalismo e a busca pelo curioso acabam deformando a representação indígena na narrativa jornalística. Nas notícias mais antigas, ainda datadas no período da ditadura militar, é ainda mais presente a linguagem pejorativa, como na notícia de 01 de junho de 1985 “Índios querem que posseiros parem de plantar no Cedro” transmitindo a falsa sensação de que os índios eram vilões por quererem que os posseiros parassem de plantar, trabalhar e entregassem as terras em questão. Já as notícias mais recentes como a de 17 de janeiro de 1995 a manchete diz “Ideia é melhorar a condição de vida” ela não traz cunho pejorativo, porém, em seu texto é falado um pouco sobre o projeto de um centro comunitário Kaingang e em nenhum momento há a fala dos indígenas, apesar da socióloga Marlene de Oliveira afirmar que as possibilidades de locais estavam sendo estudadas juntamente aos índios. Para finalizar, nessa mesma matéria também podemos ver fala de moradores dos bairros que receberiam o centro, descontentes com a possível presença indígena nas imediações. Pode-se notar também o quanto notícias como essas contribuíram historicamente não só para destacar a permanente guerra territorial, mas trazendo marcas discursivas que até hoje podem ser notadas numa sociedade que ainda vê, não somente os Kaingang, como todas as etnias indígenas com preconceito.

## Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.  
KAINGANG. Portal Kaingang. Disponível em [http://www.portalkaingang.org/index\\_povo\\_1default.htm#:~:text=Atualmente%20os%20Kaingang%20ocupam%20pouco,torno%20de%2050%20mil%20pessoas](http://www.portalkaingang.org/index_povo_1default.htm#:~:text=Atualmente%20os%20Kaingang%20ocupam%20pouco,torno%20de%2050%20mil%20pessoas). Acesso em 10 fev.2021



TOMMASINO, Kimiye. **Os Novos Acampamentos (*Wãre*) Kaingang na Cidade de Londrina: mudança e persistência numa sociedade Jê**. Rev. Mediações, Londrina, v. 3, n. 2, p. 66-71, jul/dez de 1998.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003